

Mãe'viva

Director (interino): ANTONIO SANTOS

SEMANARIO

ANO II — N.º 82 — Preço 5\$00 — 2/2/78

Saneamento, água e lixo

O abastecimento domiciliário de água, a recolha de lixo e a drenagem de esgotos são problemas da maior gravidade pois a sua resolução implica a de muitos outros directamente ligados à qualidade de vida das populações.

Água e esgotos são infraestruturas que possibilitam o incremento das construções essenciais à resolução do problema da habitação. Por outro lado a pavimentação de ruas sem terem sido implantados estes serviços implica a destruição do pavimento quando da sua construção, o que origina maiores despesas. A definição das zonas habitacionais e agrícolas é também uma necessidade pois não é lógico servir de água e esgotos zonas de exploração agrícola.

O lixo é, por sua vez, um problema que aflige muita gente. Vivemos numa sociedade que se caracteriza por uma crescente produção de lixo. O crescimento da população, a concentração habitacional e as formas de consumo fizeram perder os antigos processos de desenvolvimento de lixos, a queima ou montureira, e a própria existência de um serviço de recolha leva as pessoas a considerarem lixo tudo quanto lhes estorva em casa.

Para distribuir água é necessário tê-la em abundância e uma estação de tratamento de lixo não pode ter uma dimensão que sirva um único concelho. A planificação dos recursos hídricos e o tratamento de lixos, bem como a capacidade técnica para projectar as redes de esgotos, justificam plenamente a existência de um organismo responsável por uma determinada região que se torne rentável e operacional.

Está em estudo a criação de uma empresa que se venha a ocupar da resolução destes problemas. Esta empresa propõe-se resolver em vários concelhos da área do Porto os problemas de 340.000 famílias das quais somente 174.000 estão servidas de água, 45.500 de esgotos e 186.000 com recolha de lixo. Será pública a empresa, isto é gerida pelos poderes públicos, representantes do Governo e das autarquias. Porém as populações não poderão ser afastadas da resolução dos seus problemas. Não basta que se façam representar através dos órgãos das autarquias, é necessário que essa representação seja fruto de uma participação a nível do planeamento local e na definição de prioridades a atender. Só tomando parte nas decisões, as populações se sentirão responsáveis por um melhor aproveitamento dos recursos existentes e dos serviços



Em Nogueira da Regedoura

RECORDANDO O Dr. Ferreira Soares

A figura do dr. Ferreira Soares, que em Nogueira da Regedoura ganhou a consideração de todos os seus conterrâneos que com ele conviveram, será evocada no próximo domingo, dia 5, no aniversário do seu nascimento. Por iniciativa dum comissão unitária de nogueirenses, será pois prestada uma justa homenagem à memória e ao exemplo do «médico dos pobres» que há trinta e seis anos foi assassinado pela PIDE, pondo assim termo a uma vida inteira dedicada à defesa dos oprimidos e à luta contra o fascismo.

As comemorações iniciam-se no sábado, com a primeira jornada dum torneio quadrangular de futebol, pelas 14 horas, e que será concluído no domingo de manhã. Neste dia, às 11 horas realizar-se-ão competições de atletismo, tendo a prova principal início em Pouas-dela, com passagem por Olivães e chegada ao largo frente à igreja.

A festa popular propriamente dita inicia-se pelas 14 horas do mesmo dia, com canções por Pinto de Oliveira e teatro infantil pelo Teatro Popular de Espinho. As 15 horas haverá uma romagem à campa do dr. Ferreira Soares, seguida de uma intervenção focando a sua vida e obra. A festa prosseguirá então com uma representação pelo Teatro Amador da Incrível Almada, seguida de canções populares.

prestados.

Espinho, que é um concelho privilegiado em relação aos demais, pois das suas 7.136 famílias, 63% estão servidas de água, 31% de esgotos e 57% de recolha de lixos, aprovou através da Assembleia Municipal a sua integração nessa empresa pública.

Burocracia degrada habitações

A burocracia uma vez mais impede a resolução rápida do problema da habitação.

17 habitações construídas pela Câmara através do Fundo de Fomento da Habitação, em terrenos junto ao golfe, a seguir ao Bairro Piscatório, encontram-se ainda por atribuir, três meses volvidos sobre o termo do concurso.

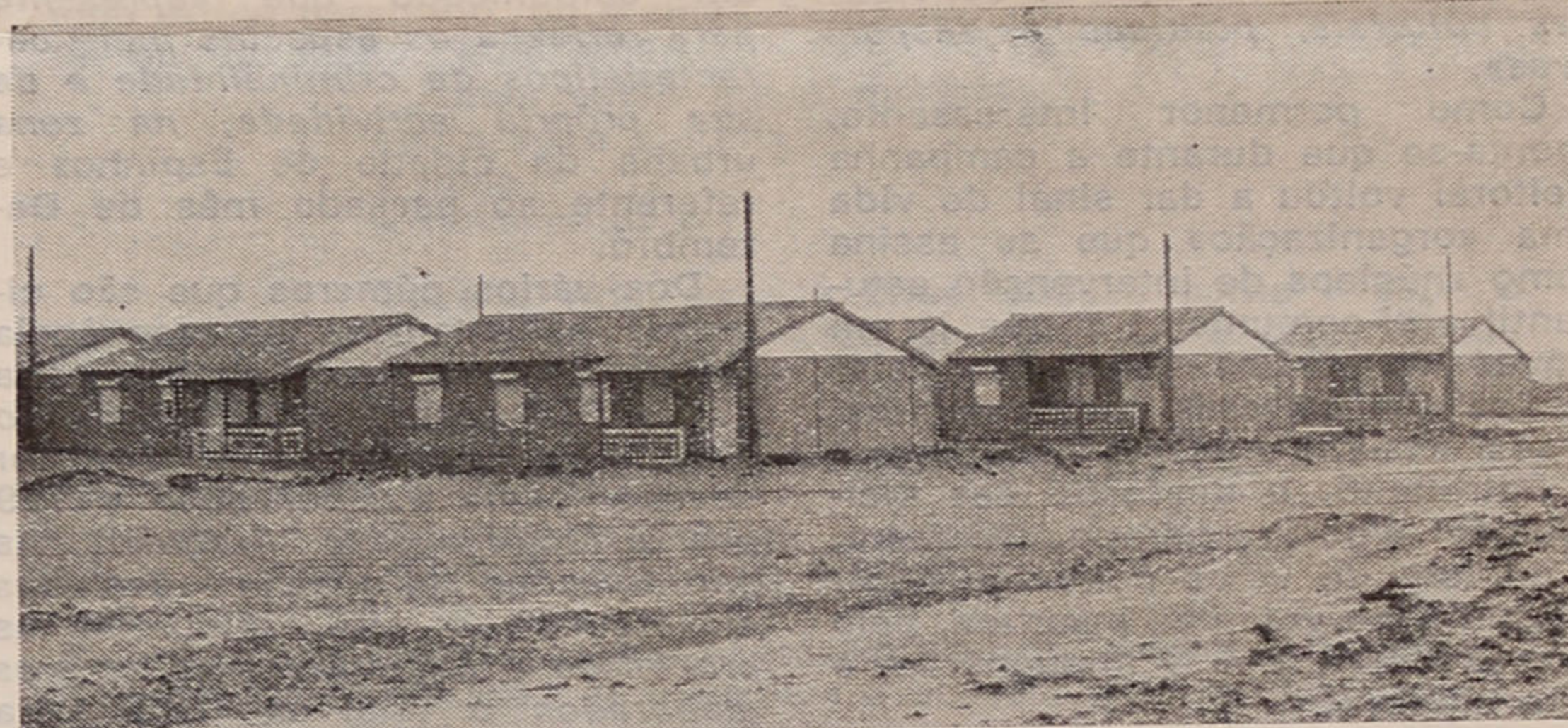
Desabitadas, as casas são alvo de degradação que lhes é infligida pelas muitas crianças que para ali vão brincar e que invejam as habitações novas, pois as suas são as miseráveis do Bairro.

Em concurso aberto entre 26 de Setembro e 26 de Outubro para a

atribuição das moradias, sendo 7 para desalojados e 10 para população residente no concelho, em regime de propriedade resolúvel, habilitaram-se 94 famílias, em que o chefe podia ter no máximo 45 anos.

O processo foi enviado para Lisboa em 31 de Outubro para a escolha, da responsabilidade do Fundo de Fomento da Habitação, ser feita ao computador.

Até à data nenhuma resposta. Dezassete famílias sem possibilidade de habitar casas, que por desocupadas se degradam. A burocracia, mesmo com computadores, continua a não ajudar ninguém.



17 HABITAÇÕES VÃO-SE ESTRAGANDO, OUTRAS TANTAS FAMÍLIAS VÃO AGUARDANDO...

Compreender a crise

Agora que, à data que escrevemos, está para breve o novo Governo, os discursos oficiais e os meios de comunicação social irão voltar a falar da «CRISE NACIONAL», o que, aliás, seria óptimo se — o que não é o caso — o fizessem

com verdade, clareza e objectividade, tendo sobretudo em vista a concreta informação da classe trabalhadora, a força social que será indispensável mobilizar para superar as carências culturais, políticas, sociais e económicas que habitualmente se resumem na palavra «CRISE».

Nas declarações oficiais, os complexos problemas da crise são sistematicamente reduzidos a um só — a crise económica. E mesmo quanto a este aspecto específico, as suas verdadeiras causas são sempre escamoteadas para que mais facilmente a responsabilidade da mesma possa ser atribuída ao perio-

A empresa propõe-se resolver até 1990 os problemas dos concelhos que a integram, nivelando os mais carecidos face aos demais.

As populações aguardam ver resolvidos os seus problemas, mas reivindicam ser ouvidas. O processo está em marcha. O futuro dirá do sucesso de tal empreendimento.

NOTÍCIAS

ELEIÇÕES NO LICEU

Conforme previsto, desenrolaram-se na passada segunda-feira as eleições para a associação de estudantes do Liceu Nacional de Espinho. Apresentaram-se três listas concorrentes, que fizeram a sua campanha com base em programas distribuídos.

A lista A, abertamente apoiada pela J. S. D., defendia «um associativismo reformista», argumentando ser seu objectivo «fomentar a ampla participação de todos os estudantes com vista à construção de uma escola nova, com um movimento associativo forte e participante».

A lista B, «por um ensino personalista que dignifique a nossa escola» afecta à J. C. afirmava no seu programa: «A nossa proposta — Humanista e Personalista — distingue-se facilmente de todas as outras propostas concorrentes. Somos aqueles que mais acreditam no Homem e na sua capacidade criadora e somos os únicos que recusamos simultaneamente as ditaduras e o socialismo».

A lista C, que se apresentou sob o lema «pela unidade do movimento estudantil», justificava a sua candidatura, independente nos seguintes termos: «Porque pensamos que uma associação de estudantes deve defender os interesses dos alunos, acima de qualquer interesse partidário, apresentamos a nossa lista tendo por objectivo estabelecer um contacto directo e intenso com os alunos, para que seja possível desenvolver todo um tipo de actividades culturais, políticas e desportivas».

Como pormenor interessante, aponta-se que durante a campanha eleitoral voltou a dar sinal de vida uma «organização» que se assina como «núcleos de intervenção estudantil anti-comunista» e que já em Novembro último dera que falar ao afixar cartazes provocatórios. Ir-se-à assistir uma nova ofensiva?

Entretanto, o desfecho das eleições foi algo inesperado. De facto, o número de votos contados ultrapassou o de votantes inscritos, pelo que as listas A e C impugnam o acto eleitoral.

SOLVERDE PERDOA RAMIRO MOREIRA

Conforme noticiámos no nosso último número, deveria ter sido julgado na Comarca de Espinho, na terça-feira 31, o conhecido marginal, bombista e «homem de mão» Ramiro Moreira, por passagem de cheque sem cobertura à sociedade Solverde.

O julgamento, porém, não se

INFORMAÇÕES DA PSP

1. É problema conhecido a questão do estacionamento na rua 19, onde é frequente haver duas filas de carros estacionados e verificar-se a circulação de veículos de carga sem ser para efeitos de carga e descarga. Além disso, também os autocarros de passageiros fazem daquela rua uma via privilegiada, detendo até a sua marcha no enfiamento com a rua 8, para a saída de passageiros. Por outro lado, também não têm faltado as queixas relativas ao estacionamento de autocarros de passageiros na rua 18, facto que contraria as disposições da nova Postura de Trânsito da cidade.

Tais factos foram já ventilados na imprensa local e a própria Assembleia Municipal deles se ocupou. É agora a vez de, em comunicado, a PSP tomar posição face a esta situação. Respigamos o parágrafo final:

«Esta Polícia, consciente das suas funções e responsabilidades, tem actuado de acordo com as leis em vigor e dentro das suas limitadas possibilidades actuais e vem por esta forma, mais uma vez, lembrar aos senhores condutores, muito especialmente aos visados, de que devem evitar as infracções referidas, pois de contrário colocam-se sob a alçada da lei e terão de ser autuados, actuação que, sinceramente, não desejamos».

2. Conforme já vem sendo habitual, recebemos do Comando Distrital da PSP de Aveiro, um comunicado que «apresenta para reflexão os aspectos mais característicos da criminalidade e da sua própria actividade, na zona urbana da cidade de Espinho» e referente ao passado mês de Dezembro.

Dos vários números que são citados, salientamos, na sequência até da informação acima publicada que a PSP levantou 356 autos do Código da Estrada, sendo 157 por desobediência à sinalização e 129 por estacionamento irregular. As participações e queixas recebidas elevaram-se a 196, atingindo os processos e inquéritos preliminares elaborados o total de 102. Para além disso, registou-se um conjunto de 192 contos de valores recuperados e uma actividade exterior da PSP, distribuída por patrulhas apeadas, patrulhas auto e sinaleiros, que se elevou a 2.878 horas.

chegou a efectuar, uma vez que o réu liquidou a importância monetária em falta e a Solverde retirou a queixa. Ramiro Moreira continua, entretanto, a ser julgado no Tribunal Militar de Lisboa, por implicação no processo das bombas.

DETIDOS ASSALTANTES COM PALMARÉS NA ZONA

Três indivíduos de que se sabe apenas chamarem-se Zé da Arada, Pocas e Ramiro, foram recentemente surpreendidos pela patrulha nocturna da P. S. P. quando tentavam forçar a porta do salão polivalente da Escola Industrial e Comercial de Espinho.

Apesar de terem oferecido inicialmente alguma resistência aos seus captores, acabaram por ser detidos, vindo-se então a apurar que haviam assaltado momentos antes as instalações de alguns organismos da freguesia de Anta. Porém, as suas façanhas não ficaram por aí.

Com efeito apurou-se igualmente terem sido os autores do assalto, de que foi alvo o sr. Manuel Balaio, em plena rua, a quem extorquiram 1.100\$00, embora declarem ter sido apenas 20\$00.

Após serem ouvidos no Tribunal da Comarca, recolheram à prisão de Custóias.

TEATRO POPULAR DE ESPINHO EM ESPINHO E NO PORTO

O Teatro Popular de Espinho, da Coop. Nascente, esteve particularmente activo no passado fim-de-semana. Assim, levou a efeito representações com as duas peças que actualmente tem em cena. «Um Dia Memorável para o Erudito sr. Wu» foi apresentada na Escola Industrial e Comercial de Espinho, numa organização da Associação de trabalhadores-estudantes, iniciativa que se deseja continuada, até para se poderem vencer as inevitáveis dificuldades. Quanto à peça

COOPERATIVA DE CONSUMO AVANÇA

Na continuação de uma primeira reunião, a Comissão Pró-Cooperativa de Consumo de Espinho fez aprovar os estatutos da futura associação de defesa dos consumidores. Saliente-se que nesta reunião houve já quem subscrevesse acções da Cooperativa, num bom sinal de adesão que se espera venha a ter esta importante iniciativa.

O próximo passo, a dar com a possível brevidade, será o da legalização da instituição, para o que estão a ser feitas diligências necessárias. Brevemente daremos um maior desenvolvimento a esta iniciativa que merecerá, por certo, o interesse de muitos dos nossos leitores.



farmácias

QUINTA - Farmácia Paiva
Rua 19 n.º 319 — Tel. 920250

SEXTA - Farmácia Higiene
Rua 19 n.º 393 — Tel. 920320

SÁBADO - Grande Farmácia
Rua 19 n.º 457 — Tel. 920092

DOMINGO - Farmácia Teixeira
Rua 19 n.º 46 — Tel. 920352

SEGUNDA - Farmácia Santos
Rua 19 n.º 263 — Tel. 920331

TERÇA - Farmácia Paiva
Rua 19 n.º 319 — Tel. 920250

QUARTA - Farmácia Higiene
Rua 19 n.º 393 — Tel. 920320

para crianças, «O Rei com Crista de Galo», encontrou-se mais uma vez com o público a que se destina, agora na sala do Sindicato dos Ferroviários, no Porto.

Dia 4, Sábado

«REGRESSO DO INVENCIVEL»

M/ 18 anos

Pelo que imaginamos, se o leitor quiser observar eventuais cenas de «kung-fu» sem necessidade de comprar bilhete, bastará deixar-se estar pelas mediações do cinema. Aí sim. A disputa entre os candongueiros tudo poderá proporcionar. e com o pormenor de ser ao vivo

Dia 5, Domingo

«O ABC DO AMOR»

M/ 18 anos

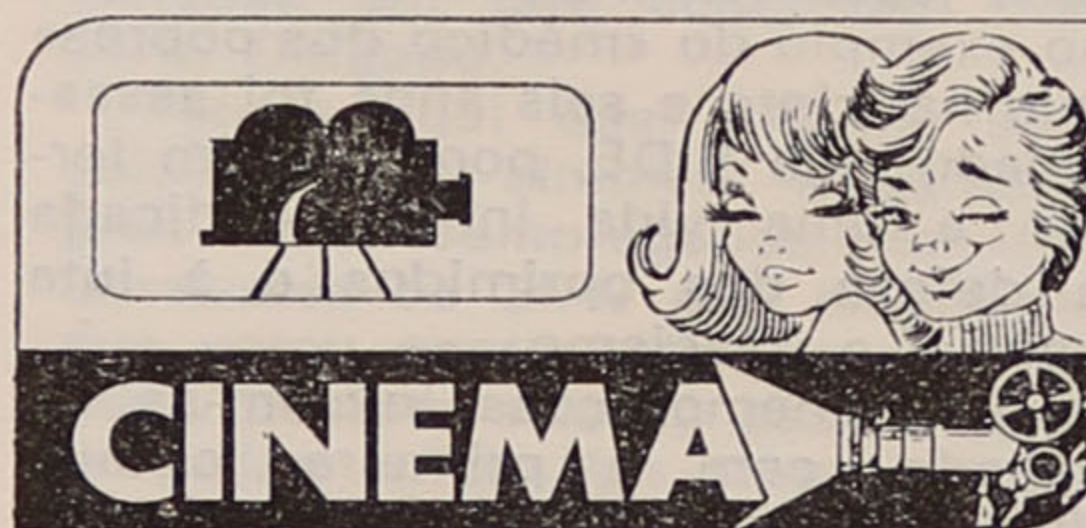
Em repetição, o mais recente trabalho de Woody Allen estreado em Portugal (já agora, para quando a exibição em Espinho do seu outro filme «O Herói do Ano 2000»?) que certamente irá de novo, merecer a atenção do público. Como se trata de comédia, mais um motivo para não deixar de se ir (re)ver.

Dia 7, Terça-feira

«DE QUE SIGNO É?»

M/ 18 anos

— «Aquarius»! Falando agora do filme, diremos que se trata de mais uma comédia italiana que alguém habitualmente designa «de costumes». Não sendo desinteressante de todo, também não lhe descobrimos motivos de especial elogio. Mas como estamos no Carnaval, estamos por tudo.



S. PEDRO

Dia 2, Quinta-feira

«O CUTELO DE GELO»

M/ 18 anos

Centenas de metros de celuloide desperdiçado, imenso tempo perdido, consideráveis quantias de dinheiro gastas, ou seja, tudo o que foi necessário para produzir uma coisa que nem a designação de filme chega a merecer. É tão mau que nem por distracção se pode suportar.

Dia 3, Sexta-feira

«FESTIVAL CHARLOT»

M/ 6 anos

Cinco filmes realizados e interpretados por Charles Chaplin no período dos anos de 1914 e 1917, compõem esta retrospectiva sobre Charlot que, comercialmente, vem assinalar o falecimento daquele cineasta inigualável. Registe-se que se trata de alguns dos menos divulgados, o que redobra o seu interesse. Aqui fica o aviso: Todos ao cinema! CHARLOT ESTÁ CÁ!

MARÉ VIVA

SEMANARIO

Propriedade:

NASCENTE — COOPERATIVA DE ACÇÃO CULTURAL, S. C. R. L.

Fizeram este número:

Alvaro Matos, Ana Maria, António Letra, António Santos, Dário Capela, Eugénio Morais, Fernando Valadas, Joaquim Fidalgo, João Barrosa, Jorge Cunha, Jorge Monteiro, Manuel Augusto, Morais Gaio, Moreira da Costa, e Victor Sousa.

Colaboração especial:

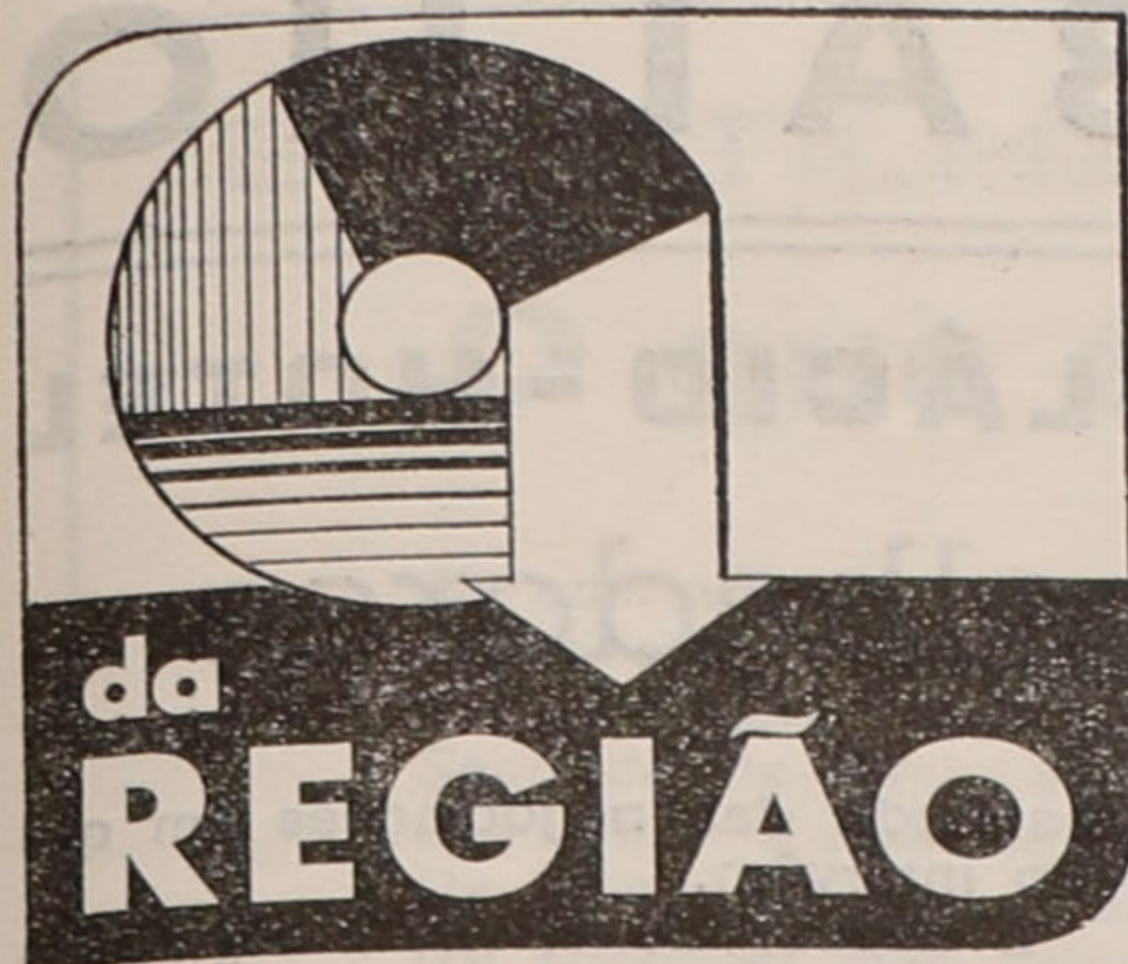
Alberto Barbosa (Beka)

Composição e impressão:

TIPOGRAFIA MENESES — COOPERATIVA GRAFICA DE ESPINHO, S.C.R.L.
RUA 14 N.º 903 — TELEF. 921016

Director:
ANTÓNIO SANTOS

Redacção:
RUA 62 N.º 251-1.º
TEL. 921621 — ESPINHO



Táxis não vão ao Bairro

Várias pessoas se nos têm dirigido no sentido de esclarecermos porque não vão os táxis aos bairros da Marinha e Piscatório. De facto, parece que a população daquela zona da cidade tem fortes razões de queixa de um serviço de tanta utilidade e que, afinal, não lhes serve de muito, ao que parece. E porquê?

Em relação às razões dos utentes, tivemos ocasião de ouvir alguns moradores do Bairro e dois comerciantes. Das opiniões que nos transmitiram concluímos que estão convencidos de que os táxis não vão lá porque não lhes interessa fazer fretes pequenos, que lhes dão pouco lucro.

— Olhe, ainda outro dia se casou uma filha minha e chamei um táxi. Veio rapidamente, porque eles sabem que podem receber uma boa gorjeta por estes serviços.

Outras pessoas reconhecem que os táxis poderão não querer fazer serviço naquela zona porque as crianças se penduram nos carros e às tantas até os danificam. Seja como for, entendem que é uma situação que muito as prejudica e que não pode continuar.

— Aqui há tempos chamámos um para levar um aleijadinho ao hospital e não apareceu.

E não apareceu porquê? Segundo nos informaram motoristas com quem falámos isso deve-se a que as estradas estão em mau estado e além disso perdem muito tempo por causa da necessidade de atravessarem a linha férrea. Existe ainda o problema dos «engraçadinhos», que fazem chamadas só para brincar.

— Um dia destes chamaram-nos para ir à «Mata» a propósito de um baptizado, chegámos lá e nada. Ora isto não se admite!

Ouvidas as duas partes, uma primeira conclusão: a população daquela zona está, efectivamente, prejudicada com uma situação destas. É sabido que os carros privados não abundam por lá e que os transportes urbanos não surgiram ainda. Estão, portanto, inteiramente dependentes dos serviços de táxis. E se os motoristas poderão ter alguma razão de queixa não parece que uma atitude tão radical de recusa de ir lá favoreça a resolução do problema. Enquanto não fica pronto o pontão sobre a linha férrea, talvez fosse possível controlar melhor a origem das chamadas para evitar viagens em vão. Aquela zona também é Espinho e mora lá gente que precisa dos táxis.

GUETIM

Começamos hoje a publicação dos resultados da nossa contribuição para um levantamento cultural do concelho de Espinho, que se inscreve na iniciativa que a Fundação Gulbenkian e a Secretaria de Estado da Cultura lançaram a nível nacional. A natureza do nosso trabalho, de simples apoio às autarquias locais, não lhe confere por isso nada de definitivo, antes poderá ser um motivo de correcções, aditamentos, por parte de quem sobre ele quiser trazer novas informações. Dos nossos leitores, nomeadamente.

Guetim foi a freguesia que escolhemos para o início deste trabalho, pois foi a primeira onde o pudemos dar por concluído. Em relação às outras, não se deverá esperar que apareçam já nas próximas semanas, mas sim quando possível.

Tomamos como orientação os boletins para o efeito fornecidos pela Gulbenkian e as alíneas ali indicadas:

ORGANIZAÇÕES PARA A ACÇÃO CULTURAL — nesta rubrica inscreve-se o *Grupo Cultural*, que trabalha agregado à Junta de Freguesia e cuja única actividade é, de momento, a manutenção de uma *Biblioteca*. Tem 1111 volumes, conta com 147 sócios contribuintes e 123 não contribuintes e está aberta aos domingos com uma frequência predominantemente de jovens.

Nesta mesma rubrica contempla os grupos que se dediquem à actividade desportiva. Sem estatutos, não legalizados portanto, assinala-se a presença do *Guetim Futebol Clube*, *Grupo Desportivo «A RONDA»* e dos *«Azuis Ingleses»*, que se dedicam quase exclusivamente ao futebol.

MONUMENTOS E EDIFÍCIOS — nada de assinalar de importante neste campo. Apenas um *cruzeiro*, em frente à Igreja, sem grande originalidade arquitectónica, e datado de 1940, para comemoração do VIII aniversário da Fundação e III da Restauração. Quanto à chamada Gruta da Lomba (cuja água foi benzida em 1924 pelo Bispo Barbosa Leão), os critérios poderão dividir-se quanto à justificação do seu aparecimento num levantamento cultural. De qualquer modo aqui fica.

LOCAIS DE CONVÍVIO — o *Salão da Junta* continua a ser o único representante desta actividade colectiva. Refira-se que neste domínio as perspectivas são animadoras, pois está prevista a ampliação do edifício da Junta e também já terreno e projecto para a construção de um salão paroquial

ACTIVIDADE MUSICAL — o único representante desta actividade em Guetim é o *Grupo Coral da Igreja*, que dá assistência aos serviços religiosos e que conta com dezasseis elementos.

VISTA OS SEUS FILHOS
NA

BOUTIQUE MI

Rua 62 n.º 113 - ESPINHO

Levantamento cultural

TEATRO — houve em tempos um grupo teatral, mas com a sua dissolução, deixou de haver em Guetim qualquer actividade teatral

PUBLICAÇÕES — também aqui nada há a assinalar que seja editado em Guetim.

ARTESANATO — a existência de uma ou outra pessoa que se dedica em casa à confecção de vassouras não parece poder inscrever-se nesta rubrica, pois essa actividade destina-se ao fornecimento de pequenas empresas e o material confeccionado não reúne características que lhe possam apontar algo de característico da região.

FOLCLORE — se há alguma coisa nesta rubrica, só poderá ser atribuído ao *Conjunto Típico «Pérolas do Norte»*, que conta com cerca de uma dezena de elementos.

INDIVIDUALIDADES — pretende a Gulbenkian que nesta rubrica sejam assinaladas personalidades da freguesia, ou que na freguesia, se tenham destacado pela sua actividade no domínio cultural ou social. Capaz de merecer esta qualificação, encontramos a figura de *Francisco Ramos (1875-1965)*, que se notabilizou pela sua actividade musical, nomeadamente na de compositor. A sua obra poderá ser encontrada junto das Tunas Musicais de Anta, Fiães, Grijó e Perosinho, que frequentemente reproduzem as suas partituras.

É pois tudo quanto nos foi possível encontrar em Guetim, no campo cultural e nas rubricas recomendadas pela Gulbenkian. Aproveitamos entretanto para pedir de novo aos nossos leitores que se pronunciem sobre este trabalho que, como dissemos, poderá apresentar incorrecções ou lacunas importantes.

OS SALDOS

*Senhoras e meus senhores!
Comprem saldos por favor,
Que isto está para acabar!...*

*Se não precisam agora,
Para o ano vão precisar...*

Entre camisas e meias, blusas e camisolas, sapatos, casacos, calças, ninguém parece escapar. E a preço de ocasião, tudo artigo garantido, do melhor. Fabricado em Portugal, na Austrália ou no Japão. Mas então...

... mas então era a duzentos,
agora só é a trinta
e nove
e novecentos?

Sobe a vida, sobe a crise, sobe a carne e sobe o peixe, sobe a casa, sobe o gás, sobe o azeite. Só o saldo é que não sobe.

Desce.
Como desce o ordenado.

*Comprem, senhores, comprem,
Que em Março já não há!*

Santos saldos populares, santos saldos milagreiros! É bonito o que era feio, já me serve o que era grande, ou pequeno. É de boa qualidade essa malha que alargava. É quentinho o sobretudo que vou ter para o Verão. Faz-me falta a gabardina que não tive para a chuva. Santo saldo, santo saldo, milagre de vez em quando. Bem preciso,
e bem malandro!

*Comprem, senhores, comprem,
Que em Março já não há
Dinheiro.*

CARNAVAL

GRANDIOSOS BAILES NA PISCINA DE ESPINHO
"OS TAIS DO VÓLEI"

Sábado, 4 - 2 - 78 — às 22 horas
com o conjunto: VIGÉSIMA 5.ª HORA

2.ª feira, 6 - 2 - 78 — às 22 horas
com os conjuntos: VIGÉSIMA 5.ª HORA
TAMBO (Espanhol)

Venda de bilhetes:

Mesa — Casa Vité - Rua 19
Entradas — Sede do S. C. Espinho

ORGANIZAÇÃO
A.A.E./S.C.E.

TRABALHO

PROFESSORES PARAM HOJE

Os professores da Zona Norte paralisam hoje: quinze minutos no fim da manhã e quinze minutos no fim da tarde. Como já anunciámos no nosso último número, esta paralisação, apesar do seu carácter quase simbólico, decorre da recusa do M.E.I.C. em negociar com os professores o seu contrato colectivo, por que estas vêm lutando há mais de meio ano. Esta forma de luta foi aliás aprovada em várias reuniões das direcções de todos os Sindicatos de Professores do País (Zona Norte, Zona Centro, Zona Sul e Grande Lisboa).

Esta resolução foi também confirmada por aprovação de uma proposta no plenário de professores da Zona Norte, efectuado no passado dia 20, e onde estiveram presentes cerca de quatro centenas de professores.

No entanto, e apesar dos compromissos assumidos perante os outros sindicatos e a própria classe, o trabalho da direcção do Sindicato dos Professores da Zona Norte não tem correspondido ao que seria de exigir: para além de não ter feito qualquer esforço de mobilização da classe em torno desta forma de luta, tem sido igualmente bastante notada a falta de informações sobre a actividade sindical do momento, de tal modo que os professores desta zona quase se limitam a acompanhar a evolução da situação através dos jornais.

Este desinteresse da direcção do S. P. Z. N. compreender-se-á melhor se se souber que, no plenário do dia 20, a referida direcção propunha ultrapassar a decisão do plenário com a realização de um referendo sobre a paralisação, o que é anti-estatutário. Mesmo para isto haveria solução, segundo a direcção, com a realização prévia duma Assembleia Geral para a revisão dos Estatutos.

De qualquer modo as intenções ficaram-se por aí mesmo e poder-se-á dizer que a direcção do S. P. Z. N. permanece como simples espectadora dos acontecimentos. Entretanto, conhecida a manutenção de Sotto Maior Cardia à frente do M.E.I.C. não se prevê que a luta dos professores de todo o País venha a ter uma conclusão próxima, pois as circunstâncias actuais não fazem prever, antes pelo contrário, uma diminuição da arrogância e «incomunicabilidade» do M.E.I.C..

A paralisação de hoje poderá ser portanto o prelúdio de formas de luta mais avançadas e de uma maior mobilização da classe, mesmo que nisso uma ou outra direcção sindical não se venha a mostrar particularmente interessada.

A expropriação e os trabalhadores

Com a notícia de que foi dada luz verde à Solverde para a expropriação da área que compreende o edifício do antigo Hotel Palácio e o outro quarteirão a poente, a primeira ideia foi a de que virá a ser profundamente alterada a fisionomia do centro da cidade. Mas a esta reflexão imediata, outra não poderia deixar de se seguir: como encaram o futuro os trabalhadores que ali desenvolvem a sua actividade e que serão por certo dos mais atingidos por esta medida?

Estarão nessas circunstâncias concretamente empregados das unidades de hotelaria ali instaladas (cafés, nomeadamente) e da farmácia ali existente a que não se pode, para além disso, negar a sua utilidade pública.

Contactámos por isso um dos empregados da Farmácia Teixeira que nos declarou:

«O assunto ainda não foi aqui ventilado internamente. Desconhecemos qualquer contacto por parte da Solverde, mormente se haverá posteriormente um estabelecimento farmacêutico reservado nas novas construções. Aguardamos por isso uma tomada de posição das entidades envolvidas, para que então se possam tirar conclusões quanto ao futuro».

No Café Palácio, e em contacto com o sr. Alvaro Ribeiro, empregado daquele estabelecimento, pudemos ouvir algo mais de concreto:

«Não é muito animadora a ideia de ficar desempregado, sobretudo numa altura em que há uma grande procura de emprego. Não digo que não tenha possibilidades de arranjar colocação noutra estabelecimento da hotelaria — café ou restaurante — ou até na indústria, mas nada é certo por enquanto, até porque ainda nem tive tempo para pensar seriamente no assunto e nem sequer recebi o pré-aviso de despedimento».

Quando abordámos a questão da indemnização, o sr. Ribeiro não escondeu uma certa preocupação:

«Claro que tenho direito a uma indemnização, que a ser paga conforme a lei, representará uma certa compensação, que não a da hipótese de vir a ficar sem trabalho. Mas mesmo a esse respeito não me admira muito que surjam problemas para o seu total pagamento, pois estas coisas, quando mete expropriações, costumam complicar-se bastante. E com quinze anos de casa, será muito duro se isso suceder».

Posteriormente informámo-nos sobre esta questão da indemnização que poderá ser posta sucintamente nestes termos: o trabalhador tem contacto com a entidade patronal e será portanto apenas esta que poderá ser responsabiliza-

da pela satisfação dos direitos dos seus empregados. Por outro lado, a entidade patronal negociará com a entidade expropriadora (no caso a Solverde) a sua própria indemnização. Fica pois claro que a entidade patronal deverá conduzir as negociações com a expropriadora de modo a poder vir a satisfazer completamente as suas obrigações para com os trabalhadores. Caso isso não venha a suceder, poderão esses trabalhadores vir a ser os mais directamente afectados pelo

resultado das negociações em que não intervêm.

E apesar de terem a legislação pelo seu lado (o que expusemos acima consta da Lei Geral do Trabalho) não é pois de excluir a hipótese de, em alguns casos os trabalhadores virem a ser efectivamente prejudicados.

É no entanto ainda cedo para ter outras conjecturas, o que não impede que continuemos atentos ao que, a este respeito, se venha a passar.

Escritórios de Lisboa

«Carta Aberta» agarrou a tábua

As recentes eleições para os Corpos Gerentes do Sindicato dos Trabalhadores dos Escritórios de Lisboa tomaram um carácter de acontecimento de importância nacional, como terão tomado poucos actos eleitorais a nível de direcções sindicais. A responsabilidade não foi dos trabalhadores, que por certo gostariam de participar nas suas eleições com outra tranquilidade. Tratou-se sim de uma aposta desesperada da «Carta Aberta — Madisca», que contou com o apoio despendido dos meios oficiais e da direita, despejando «informação» e campanha em todos os órgãos de comunicação desde os jornais controlados pelo Governo cessante, passando pela R.D.P. e R. T. P., até ao órgão oficial da C. I. P. e jornais «insuspeitos» como «O DIA» que como sabemos se vem mostrando particularmente «preocupado» com os trabalhadores. O próprio «Povo Livre» pedia em título de primeira página: vota A!

Só algo falhou nesta máquina bem montada: no dia anterior às eleições, e quando na R.T.P. o jornalista convidado deu a deixa ao dr. Salgado Zenha de se pronunciar sobre o assunto, aquele dirigente do P. S. desiluiu todos os que acreditavam na sua agilidade política, deixando passar em claro aquela oportunidade soberana de dar o toque final na campanha eleitoral. Estamos certos que outros dirigentes do mesmo partido não falhariam como falhou o dr. Salgado Zenha, mas, apesar deste «falhanço», a lista «Carta Aberta» — P.S. — P.P.D. — C. D. S. — C. I. P. e correlativos acabou por vencer as eleições, ainda que com uma vantagem mínima sobre a lista unitária.

Não se poderá aceitar o tom imprimido a estas eleições, mas é possível compreendê-lo. Este sindicato era nem mais nem menos do que o último grande reduto do movimento divisionista da «Carta Aberta», a tábua de salvação na onde de derrotas sucessivas que as listas unitárias vêm infligindo às listas apoiadas por aquela «movimento sindical», que assim se auto-

proclama, mas que deveria ser mais propriamente chamado de «movimento patronal». Perder este sindicato era o fim da «Carta Aberta — Madisca». Ganhá-lo era (e foi) um balão de oxigénio para que possam ser continuadas as manobras contra a unidade dos trabalhadores no seu próprio seio, era a manutenção entre os trabalhadores dum instrumento do patronato e do grande capital.

Diremos até que, neste momento, a «Carta Aberta» já ultrapassou os seus próprios desígnios iniciais de controlar o movimento sindical em proveito de certos sectores políticos, para se tornar num grupo de destruição do próprio movimento sindical.

Mas estas eleições não representam uma viragem no movimento sindical como já muita gente quer fazer crer. Houve até uma nítida recuperação da lista unitária em relação às eleições de 1976 (a diferença passou de sete mil para mil votos). E lembrando-nos dos recentes dados fornecidos pela C.G.T.P.-Intersindical (em 1977, as listas unitárias venceram 86 das 110 eleições realizadas) este resultado episódico não vem introduzir uma alteração com significado, conhecido como é o apoio da maioria dos trabalhadores e dos seus Sindicatos à Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses - Intersindical Nacional.

O que também não significa que deva ser simplesmente desprezado: o empolamento deste resultado continuará, a campanha contra a unidade dos trabalhadores recrudescerá e o antigo — novo ministro do Trabalho Maldonado Gonelha e o Governo P.S.-C.D.S. não deixarão por certo de aproveitar mais este pretexto caído do céu para intensificarem a sua política anti-operária e de liquidação das conquistas dos trabalhadores. Será mais um motivo para os trabalhadores reforçarem a sua unidade em torno da C.G.T.P.-IN, pela defesa dos seus direitos, das suas conquistas e pela construção do Socialismo, que pelos vistos se pretende adiar.

DR. CASTRO REIS

ESPECIALISTA PELA O. M.
DOENÇAS DOS OLHOS
ORTÓPTICA

RUA 16 N.º 250 - 1.º - ESQ.
TELEFONE 922470 — ESPINHO

LIMA BASTOS

ADVOGADO

Escritório:
Largo de Camões — Telefone 96281
VILA DA FEIRA

Residência:
Av. 24 n.º 245 - 1.º — Tel. 922904
ESPINHO

GAZETILHA

O que é que há ?

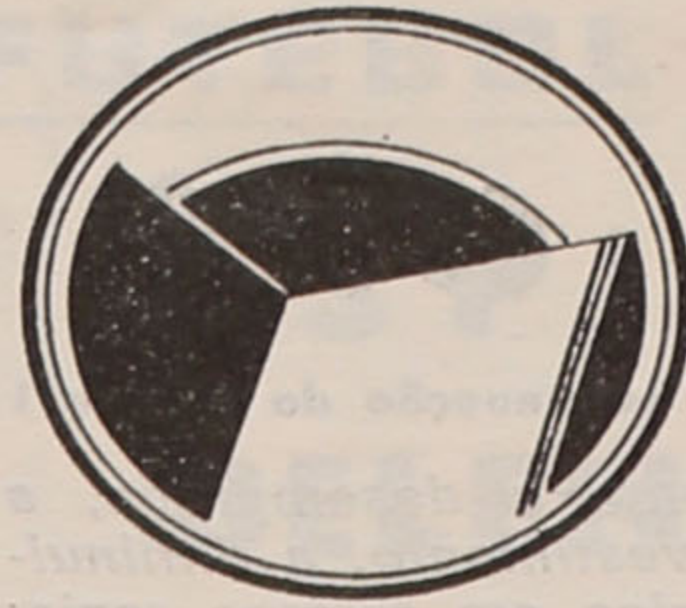
*Eu gostava de saber
Como se irão comportar
Os parâmetros que ouvi anunciar,
Segundo os quais se devem entender
Em amiga e corrente actuação
Os elementos de sinal distinto
No Governo «em construção»...*

*«Materiais»
Tão desiguais
Na sua textura e resistência,
Que eu sinto
Que não se ligam mais
Numa «massa» de boa consistência...*

*Entretanto, o Letria perguntou
Na Têvê — e os partidos responderam.
E o que disseram,
Nada adiantou.
Parece que ficou
Tudo pior que d'antes! ...
— Será que somos todos ignorantes...
Mas quem é burro aqui?*

*E o Carnaval? O que é que há por aí?
Algo haverá este ano de notável,
Além do elenco novo que é provável?
«Cégadas» desfilando em «travesti»?
Máscaras nas ruas
Neste dia suas?
Nas salas de baile haverá «samba»? ...
— Mas mais «assaltos», é que não, caramba!*

Alberto Barbosa (BEKA)



«NASCENTE»

Ronda pelas secções
CORO POPULAR DE ESPINHO

Prosseguindo a sua ronda pelas secções da Nascente, o «Maré Viva» decidiu desta vez conversar um pouco com alguns elementos do Coro Popular de Espinho, que se destacou recentemente pela realização das suas Janeiras. Uma conversa sem pretensões, o depoimento de um dirigente e três elementos.

J. Fidalgo — O Coro Popular de Espinho formou-se ainda durante o ano de 1975, no âmbito da antiga secção cultural da Académica, a partir de um grupo de rapazes e raparigas que gostavam de cantar. Desde aí tem vindo a desenvolver o seu trabalho de um modo mais regular, contando já com um bom número de espectáculos realizados. A sua integração na Cooperativa Nascente após o saneamento que afectou toda a secção cultural da Académica, acabou por abrir ao Coro novas perspectivas de trabalho. Encontramo-nos neste momento seriamente empenhados em melhorar o nosso nível qualitativo.

A. Janeiro — Parece-me impor-

o rendimento que teríamos noutras condições. Mas se abrissemos uma barreira desse género, provavelmente o Coro nunca existiria. E o que nos parece importante é demonstrar que a música não é um modo de expressão limitado a umas poucas pessoas, mas que pode ser produzida por qualquer um, desde que esteja disposto a isso, e tenha um mínimo de inclinação, como é evidente. Por isso avançamos mesmo desta maneira, dispostos a aceitar e a enfrentar todas as limitações que nos vão surgindo.

M. V. — O êxito que foram as Janeiras ter-vos-à, certamente, dado algumas ideias...

Moreira da Costa — Sim, foi uma experiência muito importante para nós, até porque vimos que todo o trabalho feito na sua preparação resultou plenamente. Mas gostaria de referir que pelo menos tão importante como a experiência musical foi o enriquecimento humano que nos proporcionou o contacto aberto e franco com tanta gente que viveu as Janeiras con-



tante referir aqui, e isto já em relação aos nossos objectivos, que nos encontramos voltados, essencialmente, para a divulgação da música popular portuguesa. Entendemos que essa é a melhor maneira de cumprir a nossa função, divulgando a cultura do nosso povo, tantas vezes propositadamente ignorada.

M. V. — Mas não se ficarão por aí, suponho?

Palmira — Pareceu-nos também importante construir um repertório que, para além dos arranjos corais de música popular portuguesa, incluisse uma série de canções representativas dos mais variados tipos de expressão musical. Para além de permitir um maior enriquecimento do coro enquanto tal, um trabalho desse tipo produzirá um espectáculo coral menos pesado e mais variado, que poderá obter maior receptividade por parte do público. Pretendemos, nesse sentido, realizar alguns trabalhos com acompanhamento instrumental que terão ainda a vantagem de proporcionar alguma formação rítmica e harmónica aos componentes do Coro.

J. Fidalgo — Este último aspecto focado pela Palmira, lembra-me referir aqui que a entrada no Coro nunca esteve condicionada a uma prévia formação musical das pessoas que o integram. Isso, como é natural, traz-nos algumas limitações de ordem técnica, que nos impedem, à partida, de conseguir

nosco. Quanto à importância para o nosso trabalho futuro passo a palavra ao Fidalgo que, sendo um dos maestros deverá ter já algumas ideias.

J. Fidalgo — A primeira conclusão a tirar é que não poderemos ignorar na planificação do nosso trabalho futuro esta riquíssima experiência. Aliás, todo o Coro começou já a reflectir sobre ela, colectivamente e em pequenos grupos, isto porque no nosso esquema de trabalho é importante que todos se pronunciem sobre a actividade do Coro. Não chegamos, pois, ainda a conclusões mas desde já me parece que vamos continuar interessados no aproveitamento das tradições populares como pretexto para festa, na conjugação de música acompanhada de instrumentos com as peças corais só a vozes e, também, na introdução de elementos teatrais, o que para nós é facilitado pela colaboração com os nossos companheiros do Teatro Popular de Espinho. Tudo isto acompanhado do esforço contínuo para melhorar a qualidade do coro, pois isto é uma condição muito importante para que o nosso trabalho resulte.

A. Janeiro — E para nosso próprio prazer e realização, porque é evidente que a primeira razão da existência do Coro é que nós gostamos de cantar. E, já agora, se as Janeiras agradaram mesmo, esperamos que novos interessados se juntem a nós. É que ainda não somos demais.

Cerca de 3.000 contos para Festas

Festas ou outras organizações que possam ser consideradas de interesse turístico dispõem este ano de 2.870 contos conforme o Orçamento e Programa aprovado em Assembleia Municipal. Verba «record» poderá pascar quem se lembre que com Festas se gastaram cerca de 520 contos em 1973 e 770 em 1976. O aumento substancial fica a dever-se à contribuição da Solverde que, não existindo em 1973, foi de 300 contos em 76 e este ano atinge 1870 contos. Esta obrigação contratual não está devidamente definida o que lhe permite participar conforme as suas orientações em termos de promoção de Festas, pelo que o plano deste ano lhe deve ter agradado. Os restantes 1.000 contos serão participados pelos dinheiros públicos, 700 contos dos orçamentos próprios da Comissão Municipal de Turismo e 300 pela Direcção-Geral.

O esquema geral de Festas prossegue a orientação do ano passado que retomava uma linha interrompida entre 74 e 76. Assim teremos II Semana Equestre (200 contos), Festival Aeronáutico (50 contos) e Torneio Internacional de Tiro aos Pratos (50 contos).

Das experiências iniciadas o ano passado não ouviremos os sons nem respiraremos o fumo

do Jazz, mas veremos repetidos os êxitos com o II Festival Internacional de Cinema de Animação — CINANIMA 78 — (120 contos) e o II Torneio Internacional de Hóquei em Patins (250 contos).

Novidades destacáveis será o Campeonato Europeu de Patinagem Artística (350 contos) e o Salão Nacional de Fotografia (75 contos). O Dia do Campista prevê um Festival Internacional de Folclore (150 contos).

A Senhora da Ajuda, padroeira da cidade, disporá de 300 contos, e as outras Festas Populares do Concelho disputarão igual quantia. O Feriado Municipal perdeu o padroeiro e como tal não foi especialmente contemplado.

O ciclismo estará em evidência com o início da Volta a Portugal (200 contos) e a já tradicional Miniatura (40 contos). O Futebol se for Internacional leva 200 contos para o seu II Torneio. As restantes provas desportivas repartirão 300 contos.

Os espectáculos culturais, da música sacra ao «ballet», contarão com 200 contos. O orçamento completa-se com 85 contos para troféus e prémios.

Dos foguetes da Festa de Abril de 74 apanhemos as canas das Festas de Espinho 78.



Pá velha

Confeitaria * Charcutaria

Especializada em caladinhos - raivinhas - fogaças (fabrico diário)

Angulo das ruas 23 e 20 - Tel. 922514 - ESPINHO

Compreender a crise

continuação da página 1

do pós-25 de Abril em que a vontade política de abrir em Portugal uma via de transição para o socialismo parecia clara.

Desta forma, procura-se não só eximir de responsabilidades na crise o sistema de organização económica que efectivamente dela é responsável — o sistema económico capitalista, ainda por cima anacrónico, instalado no nosso país — mas também atribuir essas responsabilidades à «loucura» da transição para o socialismo ou do próprio socialismo.

Também no que respeita aos efeitos ou sintomas da crise económica (desemprego, inflação, diminuição dos salários em termos reais, baixo nível de investimentos, subutilização dos meios produtivos, défice da balança de pagamento, etc.), as forças sociais do centro e da direita têm procurado reduzi-los a um que seria predominante — o défice da balança de pagamentos.

O objectivo de tal campanha é evidente. Uma vez difundida a ideia de que a crise económica se reduz afinal, ao défice externo, estará preparado o terreno para, em nome do imperativo da salvação nacional se colocar a balança de pagamentos como objectivo principal de todas as medidas de política económica; para considerar como secundários

problemas como o desemprego, a inflação, o investimento, a diminuição dos salários em termos reais; para esquecer que o défice externo é o resultado de desajustamentos e desequilíbrios estruturais que se desenvolveram e enraizaram na sociedade portuguesa durante o regime fascista; para aceitar as exigências políticas e económicas do F. M. I. (Fundo Monetário Internacional), mesmo quando se sabe, pela amarga experiência de tantos e tantos países subdesenvolvidos, que essas condições têm contribuído para agravar não só a situação económica global dos países beneficiários dos empréstimos, como também, a prazo, o próprio défice externo.

Os dois exemplos enunciados (as causas e os efeitos da crise económica) parecem suficientes para tornar clara a necessidade de se fazer um esforço no sentido de tornar acessível a todos a compreensão dos problemas com que se debate a economia portuguesa.

Nessa perspectiva de divulgação e de esclarecimento dos problemas da economia portuguesa, o «Maré Viva» irá abordar nos próximos números temas de carácter económico, pelo que desde já chamamos a atenção dos nossos leitores para esses textos.

LEIA E CRITIQUE **MARÉ VIVA**

CASA LUÍSA NOGUEIRA

João César da Costa

Depósito de Frutas — Vendas por junto e a retalho

Rua 16 n.º 750 ESPINHO Telef. 920304

Talho e Charcutaria

CENTRAL

Servir bem — Boas carnes

Rua 15 n.º 268 - ESPINHO

Moreira da Costa

CIRURGIA GERAL
E VASCULAR

R. 20 n.º 520-1.º - Tel. 921014

CASA RAICA

Modas e Confeções

RUA 62 N.º 101

ESPINHO

J. Pinheiro de Moraes

CLÍNICA GERAL

Rua 20 n.º 390 - Tel. 920452

FONSECA

TECIDOS — MODAS

Rua 19 n.º 275 - Tel. 920413

ESPINHO

RIFAS DA NASCENTE

24.ª Semana — Extracção de 19 - 1 - 78

127	1.000\$00	António L. Alves Pereira
027	100\$00	Manuel Jorge Morais
227	100\$00	Francelina Tavares
327	100\$00	Armando Ramos F. Lourenço
427	100\$00	Bento Andrade
527	100\$00	Maria Antónia Silva Pereira
627	100\$00	João Francisco da Silva
727	100\$00	Isabel Maria T. Carvalho
827	100\$00	Oscar da Silva Dias
927	100\$00	Florinda da Conceição Mano

25.ª Semana — Extracção de 26 - 1 - 78

786	1.000\$00	Maria da Graça P. M. Moreira
086	100\$00	Armando Gonçalves Mourão
186	100\$00	Jorge Tavares
286	100\$00	Maria Teresa M. O. Ferreira
386	100\$00	José Augusto Dias Carneiro
486	100\$00	Eng.º Rego
586	100\$00	Nascente
686	100\$00	José Salvador
886	100\$00	Gilberto Moreira da Silva
986	100\$00	Delmary E. S. Neves

TELE-ROCHA

Electrodomésticos — Rádio e TV — Sonapags
Instalações Eléctricas — Canalizações — Móveis e Decorações
Assistência Técnica em todo o material

Estabelecimentos: Rua 18 n.º 988 — Rua 31 n.º 469
Oficina: Rua 31 n.º 414 — Armazém: Rua 16 n.º 1005
Telefs. 920977 e 920325 — ESPINHO

A MODELAR

OPTICA — RELOJOARIA
OURIVESARIA — OFICINAS

Rua 16 — Mercado Municipal
ESPINHO

Pintura de automóveis

com rapidez e perfeição

Alzira Pereira de Azevedo

Garagens: SOUSA e S. PEDRO

Reparações em instalações eléctricas
e em todos os electrodomésticos

ELECTRO PRONTO

MIRANDA & LEITE, LDA.

Venda de todo o material electrodoméstico e de baixa tensão

Rua 18 n.º 955 Telef. 923259 ESPINHO

RESTAURANTE KATKERO

R. 15 n.º 270 — Tel. 922856
ESPINHO

Um local aprazível,
um serviço esmerado

Serviço de
Restaurante e Banquetes

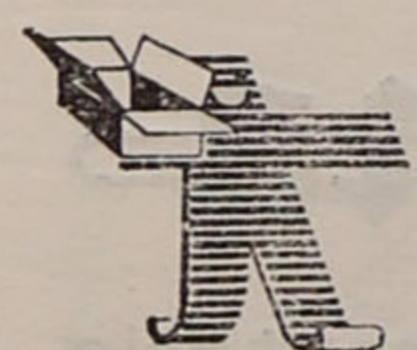
Pinto de Matos

Médico Especialista ex-Assistente
dos Serviços de Ortopedia das
Universidades de Lausane
e Edimburgo

Fracturas e Doenças dos Ossos
e Articulações

Rua 19 n.º 364-1.º — Telef. 921218
ESPINHO

FÁBRICA DA BRASILEIRA

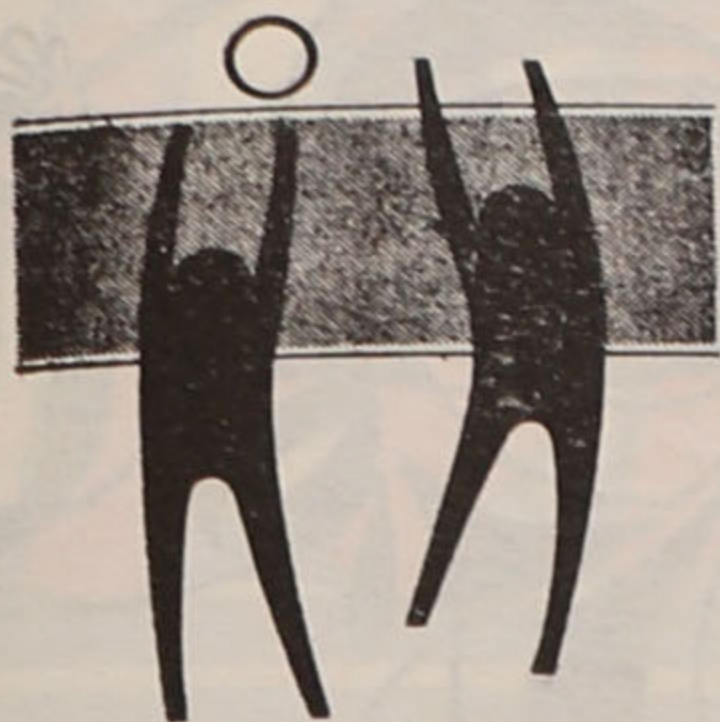


Ramiro de Sá Couto, L. da

Caixas de Cartão Canelado

Papéis - Embalagens - Artes Gráficas

Telefone 967101 Apartado 11 S. Paio de Oleiros



VOLEIBOL

No fim-de-semana passado houve dois jogos que punham os seniores do S. C. E. frente aos «seis» do Leixões e F. C. Porto, tendo os «tigres» perdido ambos, por 3-0 e 3-1 respectivamente. Em nossa opinião estes foram talvez dos melhores jogos que a equipa efectuou no aspecto exibicional, pelo que julgamos os resultados demasiado pesados, sem contudo deixarmos de considerar justíssimas as vitórias dos leixonenses e portistas. Na base desta melhoria está sem dúvida a subida de forma de pedras-base (casos de Padrão e Cadete), e uma maior mecanização global da equipa. Se continuar a melhorar nos aspectos em que está pior (recepção e defesa) estamos certos de que não terá dificuldades em se apurar para a fase final do Nacional.

Nos juniores femininos houve dois jogos importantes frente ao Leixões e Fluvial que são os principais adversários dos espinhenses nesta fase. Contudo, o S. C. E. mostrou mais uma vez que possui a melhor equipa e venceu claramente por 3-0 e 3-1, respectivamente.

RESULTADOS

HÓQUEI EM CAMPO

HONRA

Vigorosa, 3 — Académica, 0

RESERVAS

Vigorosa, 0 — Académica, 1

HÓQUEI EM PATINS

INFANTIS

Académica, 3 — Fânzeres, 1

INICIADOS

Académica, 13 — Fânzeres, 0

JUNIORES

Não se realizou o jogo Académica-Carvalhos por falta de comparência do árbitro.

SENIORES

Académica, 6 — F. C. Porto, 4

VOLEIBOL

CAMPEONATOS NACIONAIS INICIADOS

Esmoriz, 3 — S. C. E., 2

S. C. E., 3 — Carvalhos, 0

JUVENIS

Académica, 0 — S. C. Espinho, 3

Madalena, 0 — Académica, 3

JUNIORES MASCULINOS

S. C. E., 3 — Avintes, 1

Fiães, 0 — S. C. E., 3

SENIORES FEMININOS

II DIVISÃO

Académica, 3 — Esmoriz, 0

Fiães, 0 — Académica, 3

JUNIORES FEMININOS

S. C. E., 3 — Leixões, 0

S. C. E., 3 — Fluvial, 1



DESPORTO

BADMINTON

CAMPEONATOS REGIONAIS INDIVIDUAIS DO PORTO

Têm prosseguido os Campeonatos Regionais do Porto, competição que tem a presença de 32 atletas do Sporting Clube de Espinho, o clube com maior número de atletas em prova a demonstrar o interesse que a modalidade já tem nesta cidade, bem como o trabalho de massificação que os «tigres» têm vindo a realizar.

Até ao momento os atletas do Espinho foram campeões nas seguintes provas:

Singulares/femininos — Infantis 1.ª Paula Barreto; *Singulares/Masculinos — Infantis*, 1.º Fernando Pais; *Singulares/Masculinos — Juvenis*, 1.º Carlos Fernandes; *Singulares/Homens — Seniores (2.ª categorias)*, 1.º João Artur; *Pares/Homens — Seniores (2.ª categorias)*, 1.º João Artur/Pires e Castro (SCE/CDUP).

Notável, esta demonstração da juventude de Espinho, a querer mostrar que, apoiada e desde que as entidades que dirigem o desporto nacional afastem a demasiada burocracia, para dar lugar ao desporto de que a juventude necessita, os bons resultados não faltarão.

Nos dias 25 e 26 de Fevereiro, o Departamento das Actividades Amadoras do Sporting Clube de Espinho leva a efeito o I Torneio Juventude de Espinho, competição destinada a atletas infantis e juvenis, e integrada no calendário oficial da Federação Portuguesa de Badminton.

SENIORES MASCULINOS

I DIVISÃO

Leixões, 3 — S. C. E., 0

S. C. E., 1 — F. C. Porto, 3

II DIVISÃO

Oliveirense, 2 — Académica, 3

FUTEBOL

Campeonatos Distritais de Aveiro JUNIORES

Ovarense, 1 — Espinho, 1

JUVENIS

Feirense, 1 — Espinho, 2

ANDEBOL

Campeonato Regional 1.ª Divisão

S. C. E., 23 — Infesta, 16

FUTEBOL

ESPINHO, 1 BELENENSES, 2



E A 15.ª JORNADA FOI FATAL!

ÁRBITRO — Fernando Alberto (Porto) auxiliado por Manuel Peneda e Luís Mendes.

ESPINHO — Gaspar; Coelho, Gonçalves, Raul e Amaral; João Carlos, Manuel José e Carvalho (Meireles); Mória (Zézinho), Reis e Canavarro.

BELENENSES — Rui Paulino; Sambinho, Luís Horta, Alinho e Carlos Pereira; Vasques (Drissa), Esmoriz e Hertz; Norton de Matos (Isidro), Clésio e Amaral.

0-1: O Espinho atacava, dominava, mas a bola escapa-se, Amaral (Bel.) centra e ESMORIZ atira, sem grande força, batendo Gaspar, aos 14 minutos.

0-2: Canto, aos 26 minutos, Gaspar desvia, Luís Horta repete o centro e VASQUES enfia o esférico de cabeça, despejando sobre os espinhenses, dentro e fora do pelado, um monumental balde de água fria.

1-2: Aos 35 minutos, «livre», contra os lisboetas, Reis toca para MANUEL JOSÉ que enfia o esférico por entre a barreira, batendo o esguio e «elegante» Rui Paulino.

— X —

Uma jogada fatal para os espinhenses que viram destruída a honra do convento, desaparecida a virgindade do seu reduto perante um Belenenses que não agradou, mas que se prendeu, neste momento, no terceiro lugar à espera da Europa, que o seu técnico MEDEIROS profetiza. Defendendo muito bem principalmente os centrais ALI-NHO e LUIS HORTA, contra-atacando através dos «foguetes» CLÉSIO e Amaral, comandados por um VASQUES impecável, enquanto as forças duraram, a equipa do Restelo não praticou um futebol bonito, rendilhado, agradável à vista, mas soube ser prático, aproveitou os dois «quase-falhanços» da defesa local, e principalmente, defender. É claro que a sorte também jogou, mas se o triunfo é «semi-escândalo» o empate seria natural.

E isto tudo porque o Espinho se atacou, também abriu as pernas, se nos permitem as expressões, o ajudou aos dois golos. Principalmente o «central» Gonçalves esteve em tarde pouco feliz. Se a equipa atacou, mastigou na grande área azul e não rematou à baliza. E tudo corria tão bem! Amaral que jogou muito, e Manuel José comandavam o parceiro do lado agitava alegremente o guarda-chuva. O robusto cavaleiro procurava que o rádio funcionasse, escarafunchando

calmamente o seu interior, louvou-se a convocação de REIS para os treinos da selecção nacional, até que foi o desastre. Um atrás do outro, silêncio sepulcral, fúnebre, epidemia geral dos sorrisos amarelos e claro é atacar no árbitro, é usar todo aquele vocabulário que faz melhor que um calmante, é atacar o REIS porque não merece estar na selecção, é gritar pelo MEIRELES enquanto este não entra e insultá-lo, depois, por a bola não entrar nas malhas de RUI PAULINO. Enfim o «castelo» estava conquistado e os seus habitantes entraram em pânico.

Os «tigres» ainda tentaram e toda a segunda parte foi um atirar para a frente, esperando que a linha avançada mudasse os destinos fatídicos que se avizinhavam.

Mas MOIA E CANAVARRO não existiram, foram os jogadores invisíveis, enquanto REIS fez alguma coisa, mas mastigou demais servindo os intentos dos adversários. Pronto! Não valerá a pena escrever mais nada, a 1.ª volta acabou, o ESPINHO vai em 9.º lugar com 13 pontos, 19 golos marcados e 25 sofridos, 5 vitórias, 3 empates e 6 derrotas e um calendário a cumprir um tanto ou quanto difícil.

Contudo confiamos que os homens de MÁRIO MORAIS poderão escapar, do «papão» se o futebol que praticam se mantiver e se os erros até agora cometidos forem eliminados, dentro do possível.

CLASSIFICAÇÃO ACTUAL

	J.	V.	E.	D.	F.	C.	P.
Benfica.....	15	11	4	0	31-	6	26
Porto.....	15	10	4	1	34-13		24
Belen.....	15	9	3	3	14-	9	21
Sporting....	15	8	3	4	39-19		19
Guimar.....	15	8	3	4	20-13		19
Braga.....	15	8	2	5	25-15		18
Setúbal.....	15	7	2	6	18-21		16
Boavista....	15	5	5	5	19-18		15
ESPINHO..	15	5	3	7	19-25		13
Varzim.....	15	5	2	8	15-20		12
Académ....	15	6	0	9	22-31		12
Riopele....	15	3	4	8	10-21		10
Estoril.....	15	3	4	8	12-23		10
Portimon...	15	3	3	9	19-27		9
Feirense....	15	3	2	10	16-32		8
Marítimo...15	2	4	9	13-33			8

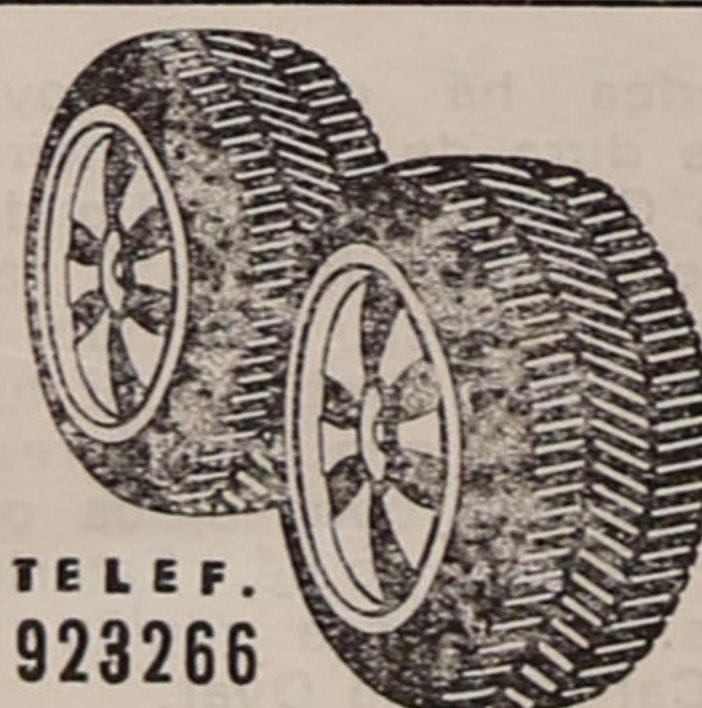
Café e RESTAURANTE

COPELIA

Almoços e Jantares
Serviço à lista

Especializado em
Casamentos e Baptizados
Grande variedade de
Petiscos

Rua 23 n.º 808 — ESPINHO



TELEF.
923266

PNEUS CAR

CENTRO DE VENDAS DE PNEUS NACIONAIS E ESTRANGEIROS

Assistência Técnica — Alinhamento de Direcções
— Vulcanização de Câmaras
— Equilíbrio de Rodas

Rua 18 n.º 1010 — ESPINHO

MARÉ VIVA

CARNAVAL



— NA ORIGEM — NÃO COMER CARNE

Carnaval é uma palavra que significa o afastamento da carne (do italiano *carne vale*, que vem de *carnelevare*).

Todos nós temos do Carnaval uma perspectiva que, com mais ou menos variações, se não afasta muito de um padrão generalizado: época de folguedo e de desinibição.

No entanto, se formos pesquisar um pouco a fundo as origens do Carnaval, vamos encontrá-lo ligado a ritos pagãos, religiosos, populares e a medidas sanitárias. Como medida sanitária, o Carnaval marcava um período em que se abandonava a carne como alimento e em que se regravam um pouco os costumes.

Sob o ponto de vista religioso, o Carnaval é um período em que as pessoas se preparavam para entrar numa época que muito diz à sensibilidade dos cristãos: a Quaresma. Dizemos período e não dias, pois o Carnaval tem uns limites cronológicos muito variáveis de acordo com os locais: nuns sítios começa na Epifania (1 de Janeiro), noutros a 17 de Janeiro, noutros a 2 de Fevereiro, embora o mais comum seja começar na semana que precede a 4.ª feira de Cinzas.

UMA TRADIÇÃO MUITO ANTIGA

Está o Carnaval associado a festividades religiosas dos antigos Romanos (Saturnais e Luperciais) e dos Gregos (festas de Dionísio). Também muito do que encontramos de desinibido e franco nesta festa tem ligações com os ritos populares da fertilidade.

Nos países europeus, sobretudo no Norte, o Carnaval está ligado a um período de intensa actividade social, pois coincide com um tempo de suspensão de actividades profissionais (esses países são essencialmente agrícolas).

Mas para além de todo um aspecto evolutivo e para além de toda uma pesquisa das origens remotas do Carnaval, poderemos tentar vê-lo sob outro prisma. Qual o significado das máscaras, dos cortejos, do Rei-momo, etc ?

REI MOMO DECAPITADO...

É possível constatar numerosas implicações psicológicas, sociológicas e mesmo políticas no alegre Carnaval.

O facto de nos mascararmos não significará mais do que o desejo de mudarmos, de sermos algo diferente da rotina do dia-a-dia que nos amarfanha. Muitas vezes uma simples mascarada é a exteriorização de uma frustração, de um desejo que muito tempo anda reprimido por condicionantes vários.

O Rei-Momo, com toda a sua galhofa e alegria, não será mais que um sinal latente de revolta das pessoas contra um poder estabelecido que oprime, ainda que essas repressões não nos cheguem ao consciente. Na antiga Babilónia, o Rei-Momo tinha poderes executivos durante um dia (o que durava o Carnaval), findo o qual era inapelavelmente decapitado (se não podes vencer o teu inimigo...)

Os cortejos carnavalescos, com todo o seu colorido e confusão alegre e despreocupada, são também manifestações objectivas de ânsia de liberdade, de romper as cadeias sociais e convencionais que nos tolhem permanentemente.

UM CARNAVAL «DE CONSUMO»

Mas o Carnaval será só uma motivação psicológica ?

O Carnaval de Nice, com o seu colorido e sumptuosidade proverbiais, o Carnaval do Rio, com o seu luxo usual, são algo mais que manifestações de um desejo de liberdade.

Em todos os países onde se festeja o Carnaval, ele hoje é já também mais uma forma de ganhar dinheiro fácil. A sociedade de consumo criou, como é seu hábito, necessidades artificiais que são abundantemente satisfeitas nos folguedos.

Esta festa tem tradições aqui e já não as tem ali. Na Europa, à excepção da Inglaterra, onde nunca se implantou, o Rei-Momo é querido em toda a parte. São famosos os carnavales de Nice, Viareggio, San Remo.

Na América há o de Nova Orleães, que dura de 6 de Janeiro até 3.ª feira Gorda, e o do Rio de Janeiro, que é mundialmente famoso não só pelo seu colorido e movimentação, mas também por tudo o que se passa nos bastidores.

Em Portugal são conhecidos os de Torres Vedras, Loulé, Estoril, entre outros. Na nossa região é afamado o Carnaval de Ovar.

QUE DIZEM OS NOSSOS «AVÓS» ?

Guardo óptimas recordações do grande cortejo de Carnaval organizado pelos Fenianos, no Porto. Era uma coisa grande ! Havia carros alegóricos dos concelhos vizinhos, dos bombeiros, de associações, do comércio e da indústria. Era uma bela festa de rua !

Além disso havia as festas e os bailes nas casas de espectáculos, coisas muito populares. O baile do Palácio de Cristal, por exemplo...

Era muito mais animado do que hoje. Isto está em regressão absoluta, é uma sombra do que era.

Aníbal Antunes — 57 anos

Dantes fazia-se o Carnaval com muito mais entusiasmo. Toda aquela rapaziada tinha a ideia de ir gozar o Carnaval. Agora vão mais para os cafés e para os cinemas, não ligam a isso...

Eu sou do Alto Douro. Na minha aldeia não havia pessoa que não festejasse o Carnaval ! Era tudo ! Andava-se mascarado pela rua, ia-se de terra para terra, havia enfeites... E não era só no Carnaval, deixei que lhe diga. Fazíamos coisas muito bonitas no Natal, na Páscoa...

Agora a festa passa quase despercebida. Sabe porquê? Os

velhos vão ficando arrumados e os novos não querem seguir com a tradição dos velhos. É por isso que estas coisas vão acabando.

António Seixas — 55 anos

Eu já nem me lembro bem do Carnaval do meu tempo. Para lhe ser franco, nunca fui muito nisso. Era só brincadeiras, a às vezes um bocado porcas. Hoje é muito diferente, há muitas coisas para a gente se divertir. Antes era com coisas simples e até perigosas. Havia gente que ficava quase cega com isso de lhes mandarem coisas para os olhos...

António Oliveira — 75 anos

O Carnaval actualmente é muito mais programado. Antigamente não era assim. Era mais natural, mais espontâneo, até um pouco selvagem, no bom sentido. Talvez por isso, era menos malicioso.

Além disso não parece haver diferenças. Eu lá andava um bocado, naquelas brincadeiras. Mas a minha mulher, por exemplo, diz que nunca gostou do Carnaval, que achava aquilo sem graça nenhuma...

Joaquim Silveira (e esposa) — 71 anos



PORTE
PAGO